

Inflação custa ao país US\$ 33 bilhões

■ Estudo contabiliza o quanto consumidores e empresas gastam por ano tentando proteger seus patrimônios da alta de preços

CONSUELO DIEGUEZ

Na última sexta-feira, como faz diariamente, o comerciante Pedro Sampaio deu uma *fugida* da sua loja no Centro do Rio e correu até o banco para aplicar no fundo a parte dos recursos do caixa da sua empresa naquele dia. Outra parte, ele preferiu deixar investido em renda fixa, não sem antes perder cerca de meia hora com o gerente definindo a melhor aplicação. Como Pedro Sampaio, milhares de investidores, em todo o Brasil, interrompem sistematicamente suas atividades para movimentar suas contas — nas agências bancárias, nos caixas eletrônicos, ou por telefone — e procurar proteger o dinheiro da cavalgar inflação que em janeiro beira 40%. Longe das filas e dos gerentes, um batalhão de administradores, consultores, economistas e contadores também ocupam seu tempo definindo qual a melhor estratégia a ser adotada pelas empresas para não terem prejuízo.

Da simples corrida ao banco à toda estrutura de contabilidade empresarial para evitar que os cruzeiros reais fiquem parados no banco ou no bolso, sendo desvalorizados 1,4% ao dia, fica um saldo dramático para o país: uma perda anual de US\$ 33 bilhões, que se refere a todo o tempo, estrutura, telefonemas gastos na busca de proteção para o dinheiro, além da sua paralisação. Recursos que, em



uma situação de inflação próxima a zero, como nos países desenvolvidos, deveria estar circulando na economia, em atividades produtivas, em financiamentos para as empresas a custo baixo, em consumo, gerando mais emprego e melhor qualidade de vida.

Pesquisa — A conclusão dessa perda consta de um trabalho recém-elaborado pelo economista Rubens Penha Cysne, da Fundação Getúlio Vargas. O estudo, denominado *Quanto custa a inflação brasileira* teve por base trabalho semelhante desenvolvido nos Estados Unidos pelo economista Robert

Lucas Jr., da Universidade de Chicago, onde estimou que a perda para os Estados Unidos, com uma taxa de juros de 10% ao ano, era de 1% do PIB. Levantou ainda que a queda da inflação do patamar de 10% entre 1978 a 1981, para 3% no início da década de 90, proporcionou uma economia para o país de US\$ 16,5 bilhões ao ano.

Cysne enveredou pelo mesmo caminho e pesquisou o custo atual do processo inflacionário brasileiro, onde a taxa nominal de juros está beirando 50% ao mês. E quais os ganhos de bem-estar, no jargão dos economistas, medidos em bi-

lhões de dólares, que o país teria com uma queda da inflação.

Metodologia — Para chegar a conclusão dos US\$ 33,2 bilhões de perdas anuais, Cysne utilizou uma inflação de 40% ao mês. Esse custo, pela metodologia utilizada, se deve ao fato de que, com inflação mais elevada, a sociedade, naturalmente, diminui sua posse de meios de pagamento, ou seja, de dinheiro em conta corrente ou em seu poder, o que reduz bruscamente a eficiência produtiva da economia. As empresas, por exemplo, são obrigadas a manter um departamento finan-

ceiro super dimensionado, onde se pagam altos salários e se alocam os maiores talentos intelectuais, que seriam muito mais úteis ao país se estivessem na linha de produção.

Da mesma forma, as pessoas físicas são obrigadas a dedicar boa parte do tempo protegendo o patrimônio da inflação. Isso sem considerar o tempo perdido no aprendizado e na comparação de preços, indexadores, impostos e outras regras econômicas que mudam constantemente.

O resultado dessa busca de proteção ao dinheiro foi um aumento expressivo da participação do setor financeiro no PIB, que chega a 11%. Ou seja, US\$ 46,7 bilhões que deveriam estar girando na economia estão concentrados nos bancos. Nos EUA, a participação do setor financeiro no PIB é de apenas 2,1%. Com a inflação próxima de zero no Brasil, essa participação das instituições financeiras se reduziria acentuadamente. Isso porque a quantidade de dinheiro em poder do público aumentaria, já que não haveria necessidade de ficar procurando aplicações financeiras para proteger o dinheiro.

Cysne calcula que o dinheiro em poder do público e em depósitos à vista, que hoje representam 2% do PIB, cresceriam, com inflação próxima de zero, para 12% a 15% do PIB, que era a média histórica do Brasil no início da década de 70, quando a inflação era bem menor.

Ganho poderia gerar emprego

Rubens Penha Cysne fez várias simulações sobre as perdas da economia em razão da alta inflação, usando taxas diferenciadas. Para uma inflação de 40% ao mês, a perda da economia é de US\$ 33,2 bilhões; com 35% ao mês a perda é de US\$ 31,5 bilhões; com inflação de 20% a perda diminui para US\$ 21,8 bilhões; e com inflação de 10% cai para US\$ 18 bilhões. Chega ainda a outras conclusões interessantes: . . .

● Apenas a redução permanente da inflação de 40% para 25% ao mês, propiciaria uma diminuição de custos em torno de US\$ 6,5 bilhões, ou seja, o orçamento anual das Forças Armadas.

● A redução para 10% ao mês permitiria ao país poupar recursos de mais de US\$ 15 bilhões, quantia suficiente para a erradicação da maior parte das favelas, construção de transportes de massa e para financiar a campanha contra a fome de Betinho.

● Mais do que tudo, a simples eliminação da inflação já eliminaria boa parte da necessidade do programa de imposto de renda negativo do senador Eduardo Suplicy. Só o crescimento natural da economia geraria recursos para criação de empregos e aumento da renda.

Juros elevaram dívida pública em 15,6%